

UnB faz 31 anos e reflete sobre o futuro

Hell Espíndola

A Universidade de Brasília completa, hoje, 31 anos de fundação e tem no seu currículo muita história para contar. Foi espelho das represálias do regime militar, quando, na década de 70, foi invadida pela polícia por várias vezes e hoje retrata todo tipo de manifestação do pensamento e da liberdade de um novo jovem que ainda usa jeans, mas defende o resgate de valores antigos, nos quais se baseiam, por exemplo, a família.

A realização do Fórum do Pensamento Inquieto, na semana passada, com a participação de "algumas das melhores cabeças do Brasil e destinado a agitar idéias sobre alguns temas cruciais deste final de século", segundo o próprio reitor Antonio Ibanez Ruiz, foi a prova disso. Em dois auditórios do ICC, um com debates ao vivo e outro com transmissão simultânea em vídeo, no telão, os estudantes se acotovellavam para assistir às discussões sobre democracia, Marx, liberdade e Deus.

Aliás, a Universidade de Brasília, se levarmos em consideração

que esse tipo de comportamento é típico de qualquer universidade, seria uma instituição como outra qualquer. Entretanto, ela é diferente na definição de seus alunos. Não só por se situar na capital federal do País, mas por ter um dos melhores quadros acadêmicos de todo o Brasil e um espaço físico com direito a muito verde, o que faz da UnB uma verdadeira cidade universitária.

"Ela tem uma característica diferente porque se integra com a cidade de Brasília e, ao mesmo tempo, com a capital federal, reflete os anseios nacionais e dá respostas às nossas inquietudes", define o reitor Antonio Ibanez que está à frente da UnB há três anos. Segundo ele, a Universidade de Brasília vive um momento de muita efervescência em termos acadêmicos. "Estamos investindo na área de pesquisa, na graduação e pós-graduação, em um dinâmica que me deixa muito satisfeito", observa.

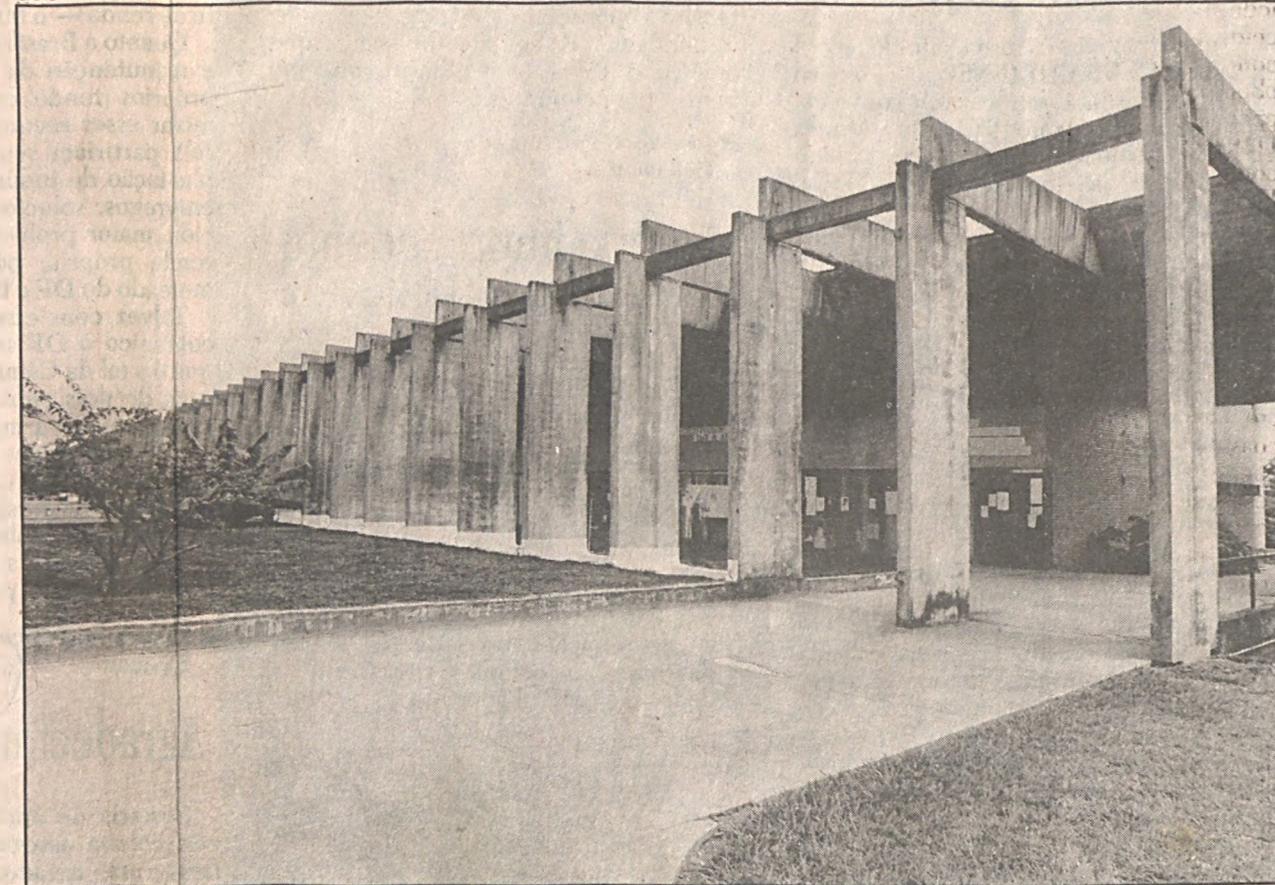
Quadro — Aos 31 anos de fundação, a Universidade de Brasília tem mil e 200 professores, 42 cursos de graduação, 11 mil 600 alunos, 17 mil inscritos nos cursos de extensão, 13 mil participantes nos cursos à distância, mil e 900

funcionários, 34 cursos de mestrado, oito de doutorado e 15 mil estudantes inscritos para o vestibular de 1993. "Somos a segunda, de acordo com a classificação do Ipea, quanto à titulação de docentes, entre as federais", comemora Antonio Ibanez. Segundo ele, esse é um dos fatores que tem elevado gradualmente o número de estudantes da UnB.

A vontade de implementar um crescimento à UnB, que estava sem recursos quando assumiu, levou Ibanez a fazer permutas com o patrimônio da universidade que resultasse em adicionais mensais no orçamento e, ao mesmo tempo, garantisse a manutenção desse patrimônio. "Hoje nós temos um adicional de recursos próprios de cerca de Cr\$ 700 milhões".

Outra preocupação do conselho diretor da Fundação Universidade de Brasília é o investimento nas pesquisas em áreas como a biotecnologia, "temos oito cursos de primeira categoria, como o de Antropologia, que têm atraído alunos de doutorado vindos de vários países do Primeiro Mundo". A UnB também tem procurado conquistar novos alunos à área de graduação.

ISAAC AMORIM



Minhocão, no campus da Universidade de Brasília, onde ficam as salas de aula da maioria dos cursos

Pesquisa é ponto forte

A pesquisa tem sido um dos pontos fortes da atual Universidade de Brasília, onde é sempre bem-vinda uma idéia nova. Tanto que a sua invenção mais recente, as violetas *in vitro*, criada na empresa de mesmo nome e incubada no Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico da Faculdade de Tecnologia, foi um sucesso tão grande que acabou todo o estoque em uma semana. Mas essa não foi a única grande "sacada" que recebeu apoio do CDT. Ao todo são 17 pequenas empresas que estão disputando um espaço físico dentro do Centro de Desenvolvimento Tecnológico, sendo 11 na área de informática eletrônica, quatro de mecânica de precisão e duas de bioetnologia.

Segundo o atual diretor do CDT, o engenheiro Luís Afonso Bermidez, o "centro", criado

em 1986, já levou ao conhecimento do público produtos úteis e com preços inferiores ao de mercado, como o medidor de umidade do solo e, o mais recente, lançado na última sexta-feira, um alarme computadorizado para prédios e residências. O sistema de alarme toca sirene, acende luzes, liga sozinho para a polícia e até abre a porta do canil. Toda essa segurança, ideal para o período de férias, está custando cerca de Cr\$ 900 mil, dependendo do tamanho da casa.

Para participar do CDT, a empresa tem que se inscrever na Faculdade de Tecnologia. Se for selecionada pelo conselho CDT, assinará um convênio se responsabilizando pelo pagamento de uma taxa para os custos básicos de uso da sala que hoje fica em torno de três dólares. A empresa incubada terá então três anos para desenvolver o seu projeto.

Agricultura — O desenvolvimento da agricultura da região do cerrado tem sido outra preocupação da Universidade de Brasília. Através de seu Depar-

tamento de Engenharia Agrônoma busca desenvolver projetos que resultem em aumento da produção de grãos local com redução de custos. Um dos programas, desenvolvido pelo professor de Máquinas Agrícolas, Luiz Vicente Gentil, visa fazer um estudo do solo local. "Estamos constatando que os produtores locais utilizam uma fórmula errada para preparar o solo deteriorando a sua estrutura", conta.

A pesquisa tem como objetivo reduzir a quantidade de investimentos em máquinas agrícolas, além de manter a qualidade de solo e eliminar os riscos de perder o preparo da terra. O professor Luiz Gentil, que está trabalhando com 11 alunos, quer também desenvolver um pára-raio que funcione adequadamente no cerrado. "Hoje se perde muito gado com o sistema atual". Durante as visitas que faz nos fins de semana às fazendas do Entorno, o professor está discutindo ainda a construção de silos para guardar a produção e só vendê-la no período mais favorável ao produtor.

Alunos opinam sobre universidade

A Universidade de Brasília de hoje é, sem dúvida, diferente daquela frequentada por alunos que hoje são ministros, advogados, políticos e atletas. Na década de 70, pressionados pela repressão política, os alunos optavam, na sua grande maioria, pela militância política. Era época de surgimento dos Centros Acadêmicos e do cerceamento aos professores, por parte da direção à liberdade de ensino. Quem queria ir além do didatismo pré-estabelecido nos livros acabava dispensado de sua função de educador.

"O curso ficava extremamente prejudicado em razão da doutrina de segurança nacional implementada", protesta o deputado federal, pelo Partido Popular Socialista (ex-PCB), Augusto Carvalho. Ele estudou Ciências Sociais de 1973 a 1977, mas admite que foi mais militante político que estudante. "Eu era representante estudantil do curso pelo partido comunista", conta, acrescentando que a universidade tinha que representar um papel de resis-

tência à situação política.

A limitação dos currículos escolares, na opinião do advogado trabalhista formado pela UnB, Ulisses Borges de Resende, um dos pontos negativos da Universidade de Brasília de 1978 a 1982, ano em que frequentou o banco da faculdade de Direito. "O Direito daquela época tinha um tom muito conservador e era, politicamente, muito silencioso". Segundo Ulisses Borges, que advoga para sindicatos, o quadro docente também se mostrava conivente com a situação política. O arquivista Edilberto Campos, que estudou História na década de 80, na UnB, acha que na sua época, em termos didáticos, a universidade tinha mais a oferecer porque havia uma politização maior dos alunos que participaram de movimentos como a Anistia e da campanha pelas Diretas.

Hoje, Edilberto Campos define a UnB como um retrato da falência da educação brasileira que, segundo ele, está mais superficial. "Os estudantes de hoje, a maioria

do Plano Piloto, não são educados para dar uma contribuição ativa e crítica de transformação da sociedade", afirma o arquivista da Câmara dos Deputados. Para o advogado Ulisses Borges, a UnB de hoje representa não só uma melhoria na qualidade de ensino, mas também uma redemocratização política do País. Augusto Carvalho acredita que essa redemocratização fez com que a Universidade de Brasília se voltasse mais para dentro de si mesma.

Estudantes — Para os atuais alunos da UnB ela oferece exatamente o que estão buscando e um pouco mais. Para a estudante de Jornalismo, Cláudia Maria Santos, a universidade tem despertado nela o interesse por novos conhecimentos. O futuro antropólogo, Luis Fernando de Oliveira, conta que a Universidade de Brasília mudou até mesmo a sua vocação profissional. "Eu quase me formei em Odontologia quando descobri que queria pesquisar mais sobre o ser humano e não apenas consertar seus dentes".